

(Des)Concentração Regional e Política Comercial

Economia Regional e Urbana

Prof. Vladimir Fernandes Maciel



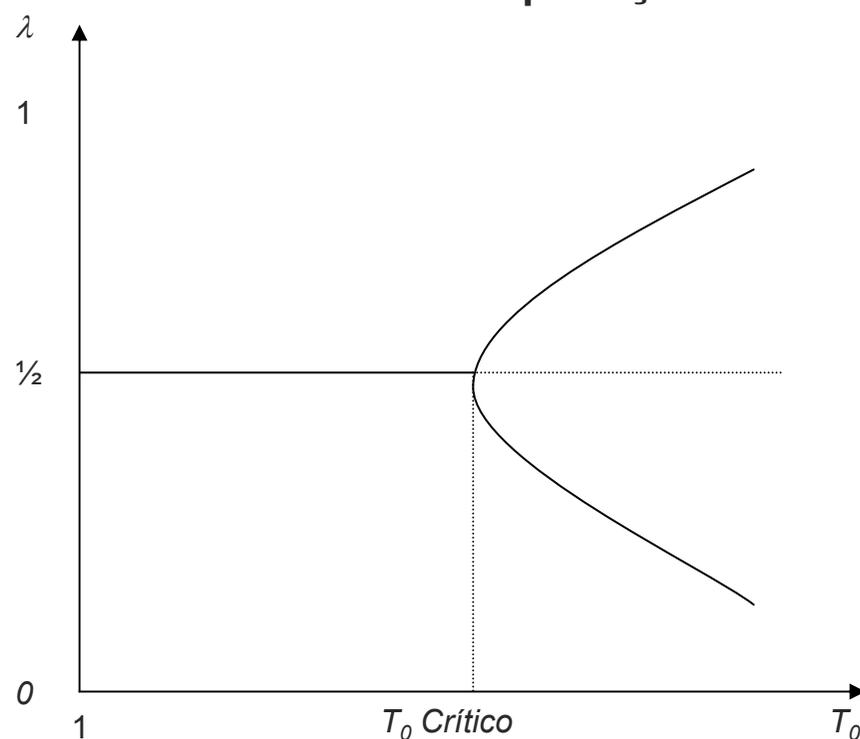
[Argumentação da NGE]

- A existência de megametrópoles nos países em desenvolvimento tem sido resultado de políticas de substituição de importações.
- Em economias fechadas, a concentração geográfica da produção seria amplificada.

Síntese do modelo teórico

- 2 regiões subnacionais: Norte e Sul
- 2 situações: economia fechada e economia aberta.
 - Autarquia: tendência da industrialização levar ao estabelecimento de uma estrutura centro-periferia no interior do seu espaço nacional.
 - Livre comércio: abertura da economia faz com que os efeitos de encadeamento tornem-se menos importantes:
 - Firma exportaria boa parcela de sua produção e utilizaria uma parcela significativa de insumos importados

Figura - Concentração e Tarifas de Importação



Situações reais

- México: desconcentração
 - Distrito Federal (Região Metropolitana da Cidade do México) e Norte do País (fronteiriço EUA) após abertura comercial e NAFTA.
- Brasil: não houve desconcentração regional relevante ainda.
 - Relação Norte-Sul pouco foi alterada.
 - Relação Capital-Interior parece ter ocorrido ligeira desconcentração.

[Brasil]

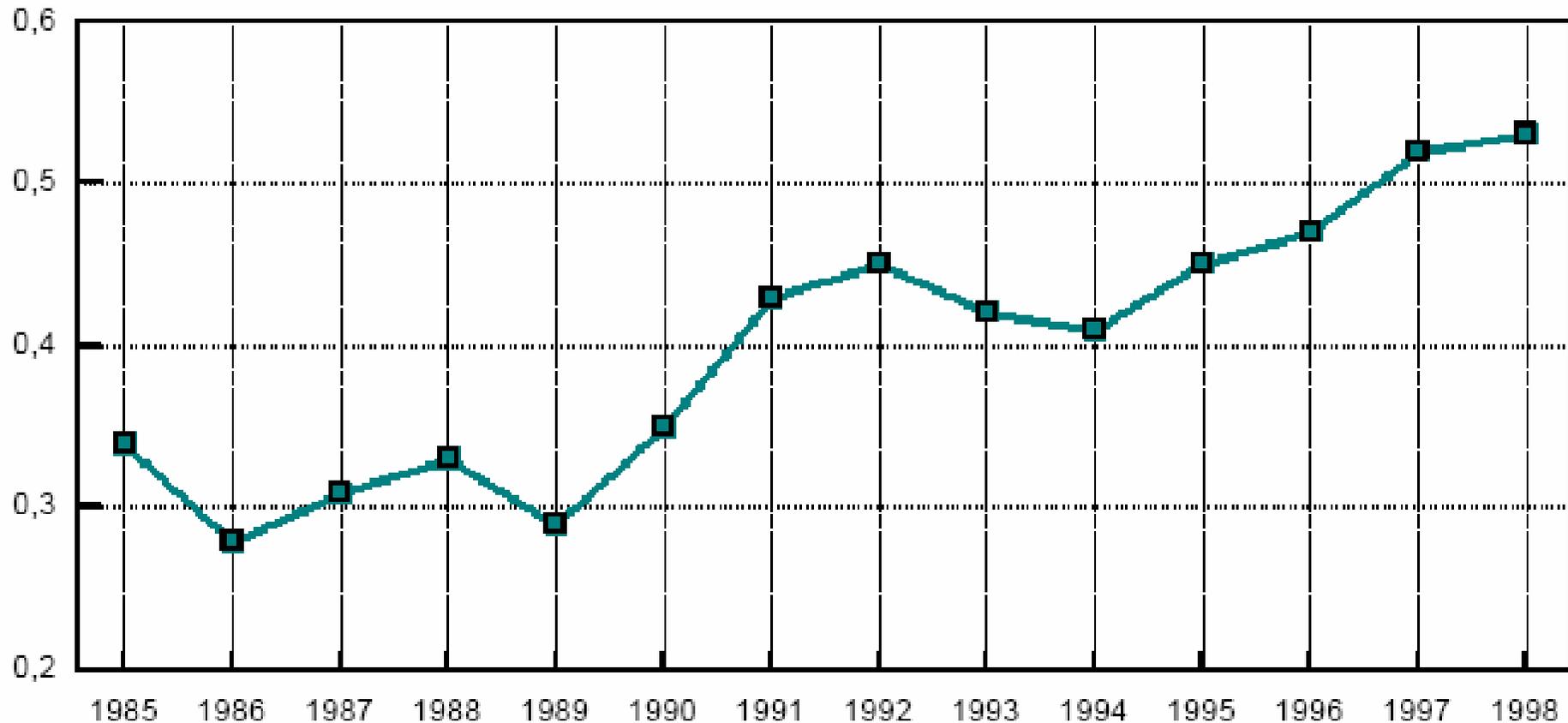
- **Desenvolvimento Regional Poligonizado** (C.C. Diniz): os novos investimentos industriais estariam ocorrendo numa macrorregião em formato de polígono, definido pelos seguintes vértices: Belo Horizonte, Uberlândia, Londrina, Porto Alegre, Florianópolis, Belo Horizonte.
- Concentração do “núcleo duro” da indústria, composto pelos segmentos da indústria química, da metal-mecânica, de transportes, de material elétrico e de eletrônicos.
- Esses segmentos, desconcentrados em relação às regiões metropolitanas de Rio de Janeiro e São Paulo localizam-se em “cidades médias e metrópoles de segundo nível”.



[Brasil (2)]

- Desconcentração medida pela proporção do emprego numa região periférica em relação ao emprego central.
 - Regiões Metropolitanas vs. Regiões não-metropolitanas (por UF).
 - Capitais vs. Cidades Médias e Grandes do Interior ou do Litoral (por UF).
- Grau de abertura comercial apresentou-se significativo e com sinal positivo nas duas estimativas.

Grau de Abertura da Economia



Oliveira & Silva (1999), MDIC e IPEA-data
fontes dos dados primários

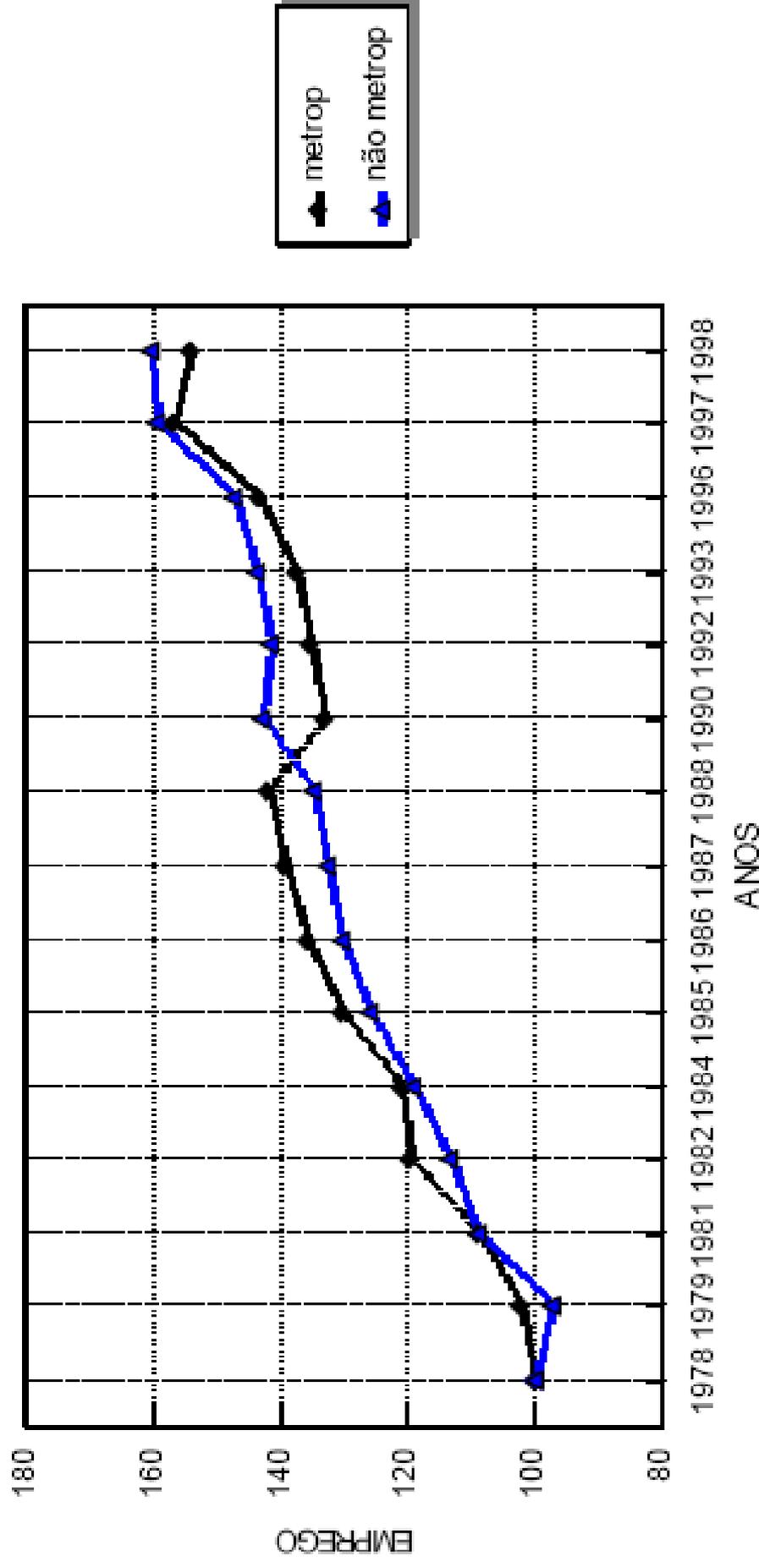
Definido em termos dos comercializáveis: $(X+M) / (\text{PIB agric.} + \text{PIB industrial})$

[Emprego Total: dados]

- Mercado de trabalho: evolução do emprego como espelho das alterações econômicas na produção:
 - Emprego metropolitano e não-metropolitano nos setores comercializáveis (sensíveis às políticas comerciais) nos nove estados com região metropolitana);
 - Período: 1985 e 1998 (exceto 1989, 1991, 1994 e 1995) – dados oriundos da PNAD-IBGE (Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar).
- Grau de abertura para cada um dos nove estados mencionados para os mesmos anos acima descritos.

Emprego Metropolitano e Não-Metropolitano

números-índices (1978=100)



PNAD-IBGE
vários anos

[Análise Econométrica]

- Dados em painel e modelo logístico.
- Especificação que melhor se ajustou:

$$\ln\left(\frac{y_t}{1-y_t}\right) = \alpha + \beta_1 \ln x_t + \beta_2 D^A + \sum \beta_j D_j^E + \mu$$

Onde:

y_t = fração do emprego não-metropolitano

$1 - y_t$ = fração do emprego metropolitano

x_t = grau de abertura

D^A = dummy para os anos 90

D^E = dummy para cada estado

$\beta_1 = 0,313$

$\alpha = 0,426$

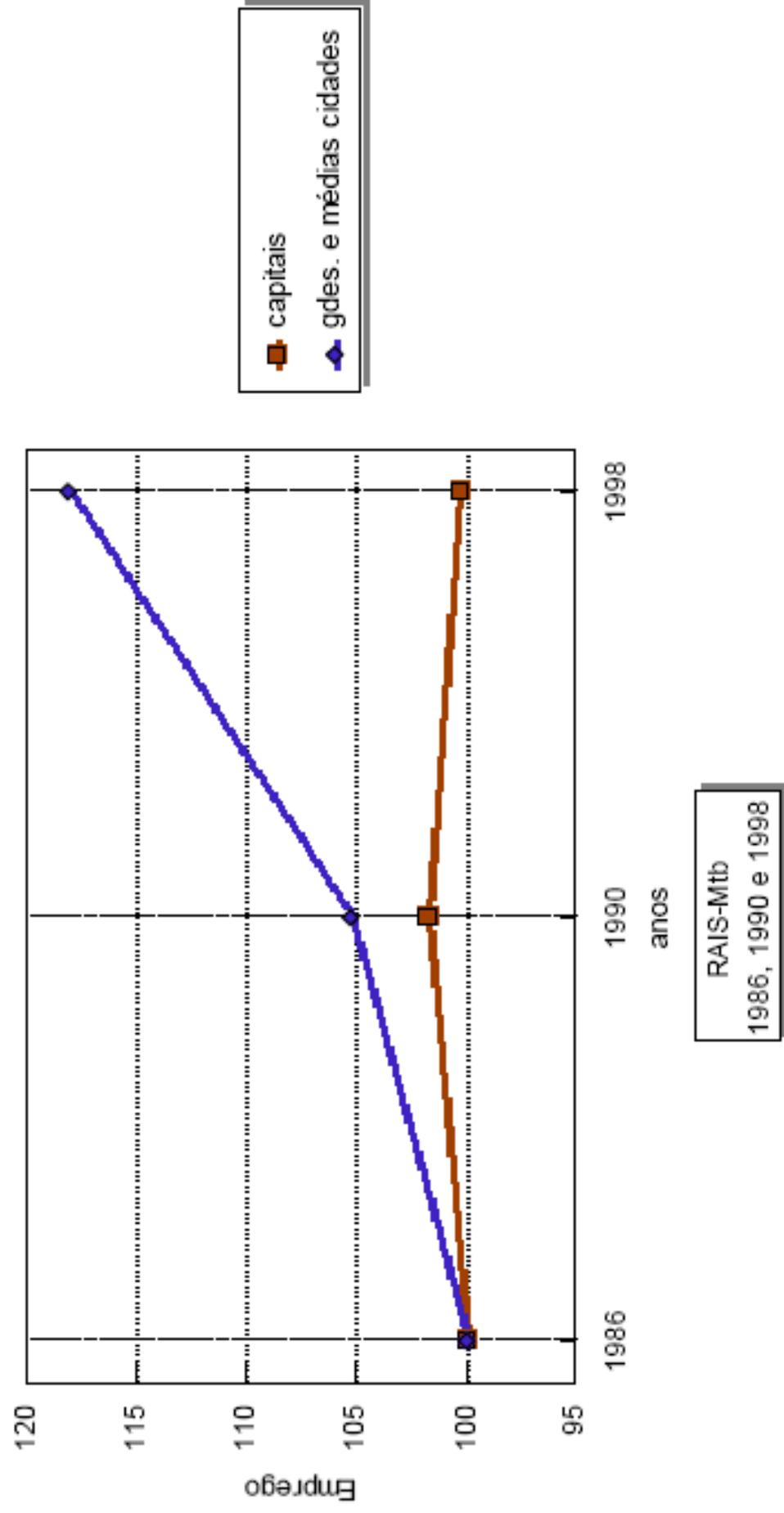
$\beta_2 = -0,161$

[Emprego Formal]

- Mercado de trabalho: evolução do emprego como espelho das alterações econômicas na produção:
 - Emprego das capitais e das cidades médias e grandes nos setores comercializáveis (sensíveis às políticas comerciais) em 24 UFs;
 - Período: 1986, 1990 e 1998 – dados oriundos da RAIS-Mtb (Relatório Anual de Informações Sociais).
- Grau de abertura para cada um dos 24 estados mencionados para os mesmos anos acima descritos.

Evolução do Emprego Formal - Capitais, Gdes. e Médias Cidades

números índices (1986=100)



[Análise Econométrica]

- Dados em painel e modelo logístico.
- Especificações que melhor se ajustaram:

$$\ln\left(\frac{y_t}{1-y_t}\right) = \alpha + \beta_1 \ln x_t + \sum \beta_i D_i^A + \sum \beta_j D_j^E + \mu$$

Onde:

y_t = fração do emprego cidades médias/gdes.

$1 - y_t$ = fração do emprego na capital

x_t = grau de abertura

D^A = dummy para cada ano

D^E = dummy para cada estado

$\beta_1 = 0,459$

$\alpha = - 0,844$

$$\ln\left(\frac{y_t}{1-y_t}\right) = \alpha + \beta_1 \ln x_t + \beta_2 D^P + \sum \beta_j D_j^E + \mu$$

Onde:

y_t = fração do emprego cidades médias/gdes.

$1 - y_t$ = fração do emprego na capital

x_t = grau de abertura

D^P = dummy para anos pós-abertura

D^E = dummy para cada estado

$\beta_1 = 0,509$

$\alpha = - 0,703$

$\beta_2 = -0,167$

[Conclusões]

- O maior grau de abertura da economia parece contribuir para o emprego não-metropolitano e o emprego das cidades médias/grandes do interior nos setores comercializáveis;
- A análise do mercado de trabalho indica nos anos 90 um desempenho superior da região não-metropolitana e do interior, sugerindo re-localização econômica: expulsão por parte das metrópoles/capitais e atração por parte das não-metrópoles/interior;
- Novos pólos de crescimento e aglomerados no interior do país contribuem para redução das desigualdades;
- A princípio, as desigualdades regionais, sob esta ótica, tenderiam a se reduzir.

[O que ler]

- Ricardo Machado Ruiz; “Políticas regionais na nova geografia econômica”. Págs. 160-164
- Vladimir Fernandes Maciel; “Abertura Comercial e Desconcentração das Metrôpoles e Capitais Brasileiras”. *Revista de Economia Mackenzie*, Ano 1, nº1, 2003.
- Clélio Campolina Diniz.; “A Questão Regional e as Políticas Governamentais no Brasil”, 2001.